

**Campo de teste
IoT nasce
no Fundo PIV**
**Accenture: IA vai
obrigar à renovação
de competências PII**


Rafael Marchante/Reuters

INOVAÇÃO

Para cada problema há uma solução possível

A pequena dimensão de Portugal torna-o apetecível para a realização de experiências. Se correr mal, ninguém dar por nada. Se correr bem, pode replicar-se.

Maíalda Simões Monteiro
mmonteiro@jornaleconomico.pt

Portugal tem-se tornado apetecível para muitas empresas que apostam na criação de centros de competências de investigação & desenvolvimento (I&D) e é do senso comum a apetência dos portugueses por tudo o que sejam novas tecnologias e gadgets.

“O mercado português é tão pequeno que tipicamente as grandes multinacionais, quando decidem fazer experiências, aproveitam o Portugal para o fazer. O que dá ao mercado e às

empresas uma complexidade de negócio atípica para a dimensão”, explica Carlos Seguro Carvalho, partner da consultora Mindsources. É o caso da Vodafone ou da ex-Nokia, recorda. “Por um lado, o mercado é suficientemente pequeno para se algo correr mal ninguém dar conta – representa cerca de 2% do negócio dessas companhias. Por outro, existem tecnologias e telecomunicações francamente evoluídas em termos mundiais”, esclarece Carlos Seguro Carvalho.

A inovação está atualmente no topo da agenda política do país. Tornar Portugal o país do empreendedorismo ao mesmo

tempo que procura captar o investimento de multinacionais em centros de competências são apenas alguns sinais.

Para apoiar esta inovação, também em Portugal, foi anunciado no início do mês, no âmbito da Web Summit 2016, que decorreu em Lisboa, um novo fundo de investimento que deverá ultrapassar os mil milhões de euros e que visa apoiar o crescimento de empresas na Europa. Carlos Moedas, o comissário europeu para a Investigação, Ciência e Inovação, escolheu Portugal para fazer este anúncio. O gestor do fundo será escolhido até janeiro. “Este gestor interna-

A inovação tem se aplicar à necessidade do mercado ou de algum cliente, tem de ter retorno financeiro

cional terá de ter capacidade para ir buscar dinheiro privado, não irá apenas gerir dinheiro do contribuinte europeu”, explicou. Depois de escolhida a entidade privada, em 2017 será constituído o fundo que está integrado no Orçamento europeu vigente até 2020, detalhou o comissário.

Também durante a Web Summit, o primeiro-ministro, António Costa, anunciou que o Estado vai investir 200 milhões de euros num programa de coinvestimento em startups inovadoras que precisam de capital de risco. O programa “220 M, Coinvest with the best”, tem por base fundos europeus e irá contribuir para o incremento da inovação em Portugal. A inovação está a tornar-se, poder-se-á dizer, um desígnio nacional.

Mas, afinal o que é a inovação empresarial? Segundo a Enterprise Europe network “é o resultado dos esforços de uma empresa para desenvolver novos produtos, serviços, modelos de negócios ou processos em que os seus clientes conseguem ver uma mais valia nos mesmos. A inovação não é meramente uma invenção pois tem de provar o seu valor no mercado”.

E Portugal tem sido exemplo do que de melhor se pode fazer. Mutas empresas destinam anualmente uma percentagem relevante do volume de negócios em investigação & desenvolvimento e tem-se vindo a reforçar as relações de parceria entre as empresas privadas, universidades, autarquias e outros organismos públicos e privados.

No setor privado, a inovação surge habitualmente para responder à necessidade de um cliente. Para a Noesis, “a inovação tem se aplicar à necessidade do mercado ou de algum cliente, tem de ter retorno financeiro”. Na lógica da transformação digital, a Noesis “olha para processos que as empresas têm e procura encontrar que lhe permita poupar dinheiro”, assinalou Nelson Pereira, CTO da Noesis. A título de exemplo, a Noesis desenvolveu recentemente uma solução inovadora, para resolver um problema concreto do cliente - uma multinacional do setor alimentar – que lhe permitiu, poupar sete milhões de euros apenas na Itália”, explicou Nelson Pereira.

Por Lisboa, o centro de competências da Claranet que presta serviços a partir de Portugal para a empresa nas suas várias geografias vai ser alvo de um investimento na ordem do milhão de euros. ■

CINEMA

Três filmes com inteligência artificial

A inteligência artificial está presente em muitos filmes e romances de ficção científica. A revista *Science* recolheu as opiniões de cientistas e elencou os mais plausíveis. Escolhemos alguns títulos dessa lista.

2001: Odisseia no Espaço

2001: Odisseia no Espaço é considerado o mais plausível dos filmes analisados. A película resulta de uma parceria entre o realizador Stanley Kubrick e o escritor Arthur C. Clarke e da qual resultou também um romance, ambos em 1968. O enredo assenta numa equipa de astronautas que investiga um sinal proveniente de um monólito na Lua, quando descobrem que o computador de bordo (HAL 9000) está com problemas. HAL aparenta ter sentimentos, mas Dave, um dos astronautas, assinala que não há como saber se os tem de facto. O computador parece sentir medo quando Dave consegue dar início ao processo de desativação, mas poderá simplesmente ser um mecanismo para conseguir levar a sua missão a bom porto. Hal cumpre a programação e não se desvia dos objetivos iniciais, o que leva a crer que não é o instinto de sobrevivência ou emoções que o tornam um vilão. É simples programação.

O Homem bicentário

Andrew, um robot-mordomo, vai-se tornando humano ao longo de várias gerações, mediante a substituição de peças mecânicas por órgãos desenvolvidos em laboratório. Este filme de 1999 é uma das exceções no género ao representar uma inteligência ar-

tificial não-violenta. Andrew é interpretada pelo recentemente falecido Robin Williams e está envolvido num enredo simples, mas que revela um lado otimista da IA, uma vez que demonstra que homens e IA podem coexistir pacificamente. Os cientistas estranham que um robot tão inteligente deseje tornar-se humano, uma vez que deveria reconhecer as vantagens dos circuitos inorgânicos. Questionam também como conseguiu o robot atingir objetivos não incluídos na programação original.

Blade Runner

O filme de 1982 retrata um futuro cinzento da humanidade. Nesse futuro, a engenharia genética está de tal modo avançada que é possível criar vida orgânica completamente indistinguível dos humanos. Os “replicantes” vivem apenas quatro anos e não podem habitar na Terra. Baseado na obra homónima de Philip K. Dick, no início do filme, ao ser interrogado para avaliar a existência de respostas emocionais, Leon (um Android) acaba por assassinar o investigador. Segundo o filme, identificar a empatia é fundamental para distinguir os humanos da inteligência artificial. Optar por IA orgânica, sobre a mecânica, este filme coloca a questão: pode a consciência ser desenvolvida em laboratório? ■



Blade Runner, 1982, dirigido por Ridley Scott



Cristina Bernardo

A inteligência artificial vai contribuir para tornar os trabalhadores mais eficientes.

ENTREVISTA Cyrille Bataller
Managing diretor na área de Inteligência Artificial da Accenture

IA obriga à renovação de competências

Cyrille Bataller lidera a equipa de inteligência artificial na Accenture, que está a desenvolver a próxima geração de serviços de tecnologia cognitiva.

Mafalda Simões Monteiro
mmonteiro@jornaleconomico.pt

Cyrille Bataller, esteve em Lisboa para participar num painel sobre inteligência artificial no âmbito do EDP Digital Day. Com a IA, o mercado de trabalho vai mudar, serão necessárias novas competências. As empresas vão tornar-se mais competitivas e as economias crescer mais do que atualmente.

O que é a inteligência artificial (IA)?

A IA é a próxima onda de inovação e transformação tecnológica. É a quarta revolução industrial, como alguns lhe chamam. A primeira revolução industrial deu-se com as máquinas a vapor, seguiu-se a eletricidade, mais tarde as tecnologias de informação e finalmente a Inteligência Artificial.

A quarta revolução industrial é combinação da IA e digital com a capacidade de utilizar dispositivos, por exemplo móveis, conectividade e máquinas inteligentes, localização, voz para texto, visão computadorizada, entre outras.

Quando surgiu a IA?

A definição de Inteligência Artificial surgiu em 1956, numa célebre conferência na Universidade de Dartmouth, em Hanover. Nos últimos sessenta anos, fez-se muita investigação na Academia, mas o salto apenas foi possível há pouco mais de 10 anos, graças ao big data e à cloud.

O mercado de trabalho vai mudar?

Sim, serão necessárias novas competências. Com o tempo serão criados postos de trabalho. Entretanto, é preciso antecipar

as alterações de competências necessárias, adaptar o sistema educativo, treinar as pessoas para os empregos do futuro.

Por exemplo, no controlo de fronteiras nos aeroportos. Os aeroportos estão a adotar cada vez mais os “Z-Gates” que permitem o controlo de passaportes em self service. Os guardas delegam nas máquinas as tarefas mais repetitivas (pegar nos passaportes, digitalizar, ou digitar a informação), ficando livres para supervisionar e identificar sinais de nervosismo ou de que há algo que precisa de ser investigado.

Nas estradas vão surgir automóveis autónomos, incluindo camiões de transportes em autoestradas que vão alterar a forma como se faz a gestão de frotas. O camião automatizado dispensa condutores, mas será necessário pessoas no início e no fim da autoestrada. A condução será mais eficiente, sem necessidade de paragens obrigatórias para descanso. Entretanto, os agora motoristas serão deslocalizados e terão funções de supervisão.

A IA representa riscos?

Atualmente, para as empresas, as questões éticas ainda não são uma preocupação. O focus é beneficiar da IA fraca.

A IA forte é a inteligência multiobjectivo, que tenta criar inteligência de nível humano. É algo que ainda não existe. Só nos filmes. Talvez em 2050.

A IA atual é a IA fraca, que necessita ser treinada, cautelosamente, para apenas um simples objetivo limitado. Se vai conduzir um carro, mas não pode jogar xadrez. É repetitiva e limitada e necessita de supervisão cautelosa por parte de pessoas. Sendo muito poderosa para as empresas, é ainda muito controlada.

Claro que temos de pensar no futuro, para que em 2050 tudo esteja preparado. Depende de nós decidir que limites. A as três regras da robótica de Asimov são um exemplo, mas também a open IA Initiative de Elon Musk está a desenvolver iniciativas com o objetivo de preparar o futuro assegurando que a IA ajuda a humanidade, não a ameaça. ■

Impacto da IA nas empresas e na economia

Uma pesquisa publicada recentemente pela Accenture sobre o impacto da IA em 12 economias desenvolvidas revela que a IA poderá duplicar as taxas de crescimento económicas anuais até 2035 – daqui a duas décadas –, ao alterar a natureza do trabalho e ao criar uma nova relação entre o Homem e a máquina. O impacto das tecnologias de IA nos negócios deverá representar um aumento da produtividade na ordem dos 40%, permitindo às pessoas uma utilização mais eficiente do seu tempo. Cyrille Bataller exemplifica: “quando acrescentar o IA à equação da economia, um país que habitualmente apresente um crescimento do PIB na ordem dos 2% passará a crescer 4%”. Bataller assinala que será criado mais valor sobre o trabalho, as infraestruturas, será possível gerar mais inovação, novos sistemas e, conseqüentemente mais crescimento económico, um impacto de “trilhões de dólares”.

CENTRO DE COMPETÊNCIAS

Claranet quer reforçar contratações

A Claranet vai investir um milhão de euros no centro de competências em Lisboa. O valor destina-se à contratação e formação de recursos humanos.

O Centro de Competências do Claranet Technology Group (CTG), em Lisboa, pretende recrutar engenheiros durante 2017. O centro de competências, que está prestes a completar um ano de atividade, vai ser alvo de um investimento na ordem do milhão de euros.

A partir de Portugal são prestados serviços partilhados e de investigação e desenvolvimento para a Claranet, nos seis países em que opera, com particular ênfase o Reino Unido. “Estamos a ter mais solicitações também da Alemanha. Não prevemos vir a alargar serviços a outros países, além dos seis onde marcamos presença”, salienta.

O destino do investimento previsto no centro de competências são os recursos humanos. A empresa pretende contratar, dar formação e, naturalmente, remunerar, explica António Miguel Ferreira, diretor geral da Claranet Portugal. O centro de competências vai também alargar o serviço prestado a outros países. Ao longo de um ano, “a

competência portuguesa foi colocada à prova e passou o teste, com distinção”, assinala.

O CTG tem atualmente 20 colaboradores. No próximo ano a Claranet vai procurar “essencialmente programadores, para front-end e back-end”, diz.

Questionado sobre a escassez de engenheiros no mercado, António Miguel Ferreira considera que atualmente é mais difícil captivar potenciais colaboradores do que há três ou quatro anos. “As nossas universidades não estão a formar um número suficiente de engenheiros de TI, face ao crescimento da procura”.

Para cativar talentos, a Claranet proporciona “condições para trabalhar em projetos internacionais, mas também com uma forte implantação de serviços no mercado nacional, ou seja, não estamos a criar apenas um centro de nearshoring, sem contacto com o mercado, ou com um contacto demasiado distante”, refere.

Além disso, “ao crescermos e afirmarmos o brand Claranet, es-



António Miguel Ferreira, diretor geral da Claranet Portugal

tamos a transmitir confiança. Vão fazer parte de uma empresa que já tem 1200 colaboradores e que provavelmente irá duplicar de dimensão nos próximos três anos”.

Porquê Portugal?

Há um ano, Portugal foi escolhido entre os países onde a Claranet tem operações – Reino Unido, França, Espanha, Holanda e Alemanha. O país “destacou-se

pela disponibilidade de recursos qualificados, pela atração de talentos possível devido à forte presença da Claranet, aos custos de contratação mais baixos, à integração cultural, à capacidade de falar fluentemente inglês e ao facto de ser um país que oferece boas condições naturais para trabalhar (localização, meteorologia, custo de vida)”, detalhou o diretor-geral. ■

BREVES

Noesis aposta no IoT

A Noesis demonstrou uma solução de gestão de ativos, desenvolvida para um grande fabricante mundial de produtos alimentares refrigerados, durante a WebSummit. O objetivo foi reduzir as quebras de produtos e agilizar a transmissão de informação relacionada com o ciclo de vida das arcas. “A aplicação foi desenvolvida na cloud e permitiu à empresa poupar 7 milhões de euros apenas na Itália”, disse Nelson Pereira, CTO da Noesis. Numa primeira fase foi possível sincronizar, através da aplicação, os distribuidores das arcas e dos gelados, substituindo processos que eram anteriormente feitos manualmente com visitas ao local e preenchimento de formulários. Numa segunda fase, será possível antecipar que vão faltar determinados produtos. Numa terceira fase, através de sensores (IoT), será possível a integração de sensores de temperatura e humidade nas arcas com o objetivo de ser proativo e antecipar avarias das máquinas. Com estas novas soluções cloud, a Noesis vai reforçar a presença noutros países, sem necessidade de ter presença física nas regiões. Esta solução em concreto permite à empresa chegar a um mercado universal e digital. Esta solução já está a funcionar na Grécia, Itália, Espanha, Irlanda, em países do Oriente, na América do Sul, entre outros, incluindo Portugal. No futuro, a solução de gestão de ativos irá permitir a gestão de stocks nas prateleiras das lojas.

IBM inaugura centro em Viseu



A IBM inaugurou o Centro de Inovação Tecnológica de Viseu. O centro conta numa primeira fase com cerca de 40 profissionais em formação e prevê-se que a médio prazo venha a receber 120 colaboradores, anunciou a tecnológica em comunicado. Os profissionais têm competências nas áreas de Gestão, Tecnologias de Informação, Engenharia Informática e Eletrotécnica, e foram selecionados para receberem formação no Campus Softinsa, nas instalações do Instituto Politécnico de Viseu. O novo centro localiza-se no parque industrial de Coimbrões.

PT E HUAWEI

Rede 4,5G testada com sucesso na Web Summit

As empresas demonstraram as capacidades da rede móvel 4.5G. O ambiente escolhido foi a Web Summit.

O pavilhão da Altice na Web Summit 2016 foi o ambiente escolhido pela PT e pela Huawei para demonstrar, pela primeira vez em Portugal, e com sucesso, a rede móvel 4,5G. A combinação de equipamentos montados para o efeito, permitiram atingir uma velocidade de 1,7 Gbps, uma velocidade cinco vezes superior à atual rede móvel e duas vezes mais rápida que a velocidade premium de fibra ótica (fixa). Atualmente a velocidade máxima comercial disponível na rede fixa é de 1 Gbps.

Alexandre Fonseca, CTO da PT, assinalou que “esta é uma tecnologia extremamente evoluída, pelo que ainda não existem equipamentos terminais, te-

lemóveis, preparados para ela”. Mas os testes em laboratório estão em curso e já é possível fazer demonstrações como a efetuadas em Lisboa. Para o efeito, foi utilizada tecnologia inovadora, incluindo a tecnologia NGPON2 totalmente desenvolvida pela Altice Labs, em Aveiro, para suportar backhaul numa rede LTE. A demonstração foi feita com um equipamento que utiliza a tecnologia que previsivelmente se irá utilizar no futuro em dispositivos móveis.

As redes 5G vão permitir latências (tempo de resposta) muito superiores às atuais, explicou Alexandre Fonseca. Atualmente as redes móveis, 4G, têm latências na ordem dos 20 a 30 milis-

segundos, o que não é suficiente para fazer face por exemplo, à necessidade de uma travagem em segurança por parte de automóvel que se autoconduz. Para esta situação será necessária uma latência de um milissegundo, possível em breve com a 5G, caminhando para lá com as redes 4,5G. Esta latência irá abrir caminho ao verdadeiro desenvolvimento da indústria 4.0, com incluindo como carros autoconduzidos ou drones para entregas de encomendas.

Wi-Fi na Web Summit

A PT foi responsável pela gestão da rede de Wi-Fi disponível durante a Web Summit e que, não obstante algumas falhas senti-

das pelos congressistas, conseguiu garantir a ligação em simultâneo de cerca de 150 mil dispositivos, numa zona delimitada no Parque das Nações. “São 150 mil dispositivos ligados, mas apenas 50 mil utilizadores, o que significa que cada visitante utiliza, em média e em simultâneo, pelo menos três equipamentos”, assinalou Alexandre Fonseca. Esta situação, impensável há poucos anos, traduz um paradigma totalmente novo e requer a criação de soluções inovadoras e transparentes para satisfazer as necessidades dos utilizadores em eventos como a Web Summit ou em estádios de futebol, onde as pessoas querem ligar-se modo simples e fiável. ■

M-WALLET

SEQR divulga novas funcionalidades de pagamentos

A mobile wallet da SEQR permite pagar através de tecnologias como o QR Code ou o contactless, em 30 milhões de terminais em todo o mundo.

A SEQR lançou a sua primeira solução de pagamentos inovadora há cerca de dois anos em Portugal. É uma mobile wallet (m-wallet) que utiliza um QR Code e que contou desde o primeiro momento, com a adesão de comerciantes como a Starfoods, a Science4You ou o grupo Lanidor. De então para cá, a empresa do grupo Seamless, tem vindo a investir em Investigação & Desenvolvimento e a divulgar novas funcionalidades da aplicação.

“Uma parcela importante do nosso orçamento global dedica-se a projetos de I&D. Procuramos deste modo diferenciar-nos de uma concorrência cada vez mais astuta, conhecedora do que os consumidores desejam”, afirma João Pedro Duarte, country manager da SEQR Portugal. A maioria (70%) dos 70 elementos da equipa de desenvolvimento da SEQR dedica-se ao desenvolvimento de novos produtos.

A inovação é aliás uma constante nesta empresa que tem trabalhado na divulgação de funcionalidade de transferências gratuitas estando e, mais recentemente no sistema contactless (tecnologia NFC, disponível em equipamentos Android), através do qual é possível pagar em cerca de 30 milhões de terminais compatíveis em todo o mundo. Espera-se que em 2020, todos os terminais de pagamento sejam contactless, “o que significa que a nossa solução poderá ser utilizada em qualquer lugar nessa altura”.

Resumidamente, “queremos estar presentes e cobrir todos os cenários de pagamento”, desde lojas físicas, a loja online, passando por vending machines, parques de estacionamento e mesmo redes sociais”.

O sistema de pagamento SEQR está diretamente associado a uma conta bancária e “funciona de forma totalmente independente da tradicional infraestrutura de cartões bancários existente”, explica o João Paulo Duarte. Para o comerciante, o “SEQR proporciona um custo bastante inferior ao que é aplicado atualmente ao lojista, quando um cliente paga com um cartão de débito ou crédito”. Para o consumidor final, “o SEQR é um sistema de pagamento gratuito que

premeia e incentiva a sua utilização, através de um modelo de cash-back que varia entre 1% e 3% do valor gasto em compras e de ofertas específicas desenvolvidas para cada um dos comerciantes e em conjunto com eles”.

“Fomos também os primeiros a integrar uma conta SEPA débito direto, na Europa”, explica o responsável. Os utilizadores “podem realizar transferências entre as suas contas bancárias sem qualquer custo adicional. Estas transferências podem ser realizadas entre países e entre diferentes moedas”.

Mas este novo mercado dos pagamentos não é fácil. “Todos pensamos que somos muito abertos às novas tecnologias, mas na prática temos reticências em entrar neste modelo”, generaliza o country manager referindo-se à apetência dos portugueses pelas tecnologias. Este novo segmento deverá crescer exponencialmente à medida que os grandes comerciantes aderirem, transmitindo confiança, explica. “As pessoas vão aderir mais por confiança na marca do que no meio de pagamento”, sublinha. E o caminho faz-se caminhando. Hoje em dia já é possível pagar com a tecnologia SEQR, em praticamente todas as grandes superfícies de Portugal, Espanha, Itália ou em qualquer outro país.

De uma forma genérica, os pagamentos com telemóvel são mais seguros do que um pagamento com cartão. Num pagamento com SEQR, a entidade que recebe o pagamento apenas sabe que aquele montante está pago, mas não tem nenhuma identificação de quem pagou. ■

Num pagamento com SEQR, a entidade que recebe apenas sabe que aquele montante está pago, mas não tem nenhuma identificação de quem pagou



INTERNACIONALIZAÇÃO

Opensoft quer reforçar negócio no exterior

A Opensoft nasceu há 15 anos. Inicialmente vocacionada para a Administração Pública e para a banca, tem vindo a diversificar e a internacionalizar o negócio.

Mafalda Simões Monteiro
mmonteiro@jornaleconomico.pt

A Opensoft nasceu em 2001, inserida num ecossistema diferente do atual. O mercado “está seguramente mais aberto, com os clientes a comprarem cada vez mais a empresas estrangeiras, mas com empresas portuguesas a venderem, cada vez mais, fora de Portugal, assinala José Vilarinho, diretor-geral da Opensoft.

Inicialmente, a Opensoft tinha um “foco claro no desenvolvimento de soluções web para a Administração Pública”. Ao longo dos anos, foi crescendo, alargando a base de clientes, quer na Administração Pública, quer na banca. Foram ainda concretizados projetos em áreas como a educação, a reabilitação urbana, notariado. Recentemente foi lançada a solução Weventual

na área dos eventos.

Em 2015, o volume de negócios aumentou 35% para 3,8 milhões de euros em 2015. Este ano, a evolução será mais modesta, mas a empresa está otimista. No primeiro semestre “crescemos 12% face ao mesmo período do ano anterior”.

A maior fatia da faturação é proveniente da área de desenvolvimento de software, sendo a internacionalização outro foco central da estratégia da empresa

Em 2017, pretende melhorar processos e métodos e apostar na formação e certificação dos RH

que está a envidar esforços para angariar novos negócios na Europa. Em 2017, pretende melhorar processos e métodos e apostar na formação e certificação dos Recursos Humanos.

Já este ano, a empresa contratou mais do que os 10 novos colaboradores previstos. “e perspetivamos continuar a crescer no próximo ano”, avança José Vilarinho.

Desde 2001, o mercado registou também uma “afirmação do outsourcing como modelo de desenvolvimento de projetos”. José Vilarinho assinala que “constante transformação obriga-nos a um exercício de antecipação e adaptação, para nos atualizarmos e desenvolvermos competências adequadas ao que o mercado nos exige”.

A empresa investe anualmente cerca de 4% da faturação em Investigação, desenvolvimento e formação e foi reconhecida como PME Líder. ■

Fundão vai ter campo de experimentação IoT

O Município do Fundão vai criar um campo de experimentação e demonstração de Internet das Coisas (IoT) e robótica para a área agrícola e rural em janeiro de 2017, disse Paulo Fernandes, presidente da edilidade ao Jornal Económico.

Numa primeira fase, campo irá servir perto de 50 empresas – brasileiras e portuguesas - que terão ao seu dispor 20 hectares de área agrícola dedicada, para além de terrenos de produtores e organizações locais com que a autarquia firmou protocolos e onde as

tecnologias poderão ser testadas.

Para captar aquelas startups, o Fundão fez um “um trabalho de captação em Campinas”, o Silicon Valey do Brasil, onde estão sedeadas cerca de mil empresas. Daí chegarão cerca de 40 empresas agro-tec, sobretudo na área da biotecnologia vegetal, e que pretendem internacionalizar-se. Por cá, foram identificadas “cerca de 20 empresas que já têm tecnologia madura”.

Estas empresas terão, “um ponto de apresentação e demonstração em contexto real das suas aplicações, dos seus sen-

souros ou dos seus robots nas diferentes tarefas e áreas conectadas com a parte agrícola”, detalha Paulo Fernandes.

O Município está também a procurar captar a atenção de investidores. O ecossistema do centro de experimentação será uma mais valia para os investidores que poderão, no futuro, contactar um conjunto de startups concentradas num único local. As empresas agro-tec poderão ainda tirar partido das sinergias existentes com a atual incubadora de base tecnológica da região. ■